

para ajudá-los a refinar o entendimento e avançar na escala em direção ao que é mais solucionário.

A escala de solução também não pretende diminuir as motivações e esforços humanitários significativos de jovens dedicados, mas sim ajudá-los a pensar de forma ainda mais estratégica e criativa de uma perspectiva sistêmica. É comum que as escolas promovam e apoiem os jovens em projetos de serviço comunitário e apoiamos essa intenção. Ao mesmo tempo, humanitarismo não é a mesma coisa que ação solucionária. Nossas comunidades e o mundo precisam de ambos, mas o pensamento e a ação solucionários não têm sido o foco das escolas ou mesmo de muitas organizações sem fins lucrativos. Nós pensamos que deveriam ser.

POR QUE A IMPLEMENTAÇÃO É TÃO IMPORTANTE?

Embora não desejemos que você se sinta sobrecarregado com a chamada para garantir que os alunos tenham a chance de implementar suas soluções, queremos enfatizar a importância da implementação.

Entendemos que há restrições no currículo que tornam a implementação desafiadora, mas o currículo também pode ser visto por uma lente diferente: onde estão as oportunidades de implementação dentro dele?

Idealmente, os alunos serão capazes de implementar uma solução pelo menos uma vez por ano, ou pelo menos uma vez em cada nível de série (3-5, 6-8, 9-12 e K-2 se apropriadamente dimensionado e modificado).

À medida em que você traz práticas solucionárias para seus alunos e usa o Processo Solucionário descrito na próxima seção, encorajamos você a discutir com colegas e administradores como você pode integrar a implementação em seu cronograma e currículo para obter o máximo de benefício deste trabalho.

QUE DESAFIOS POSSO ENFRENTAR?

Há uma variedade de desafios que nós e nossos alunos podemos enfrentar no caminho para nos tornarmos solucionários. Alguns são desafios práticos que professores e alunos enfrentam, como falta de tempo; requisitos curriculares que interferem na flexibilidade da aula; falta de apoio dos administradores; resistência da comunidade ou dos pais etc.

Nesta seção, compartilhamos apenas alguns dos desafios *psicológicos* que a comunidade da sala de aula pode enfrentar no caminho para fazer escolhas MOGO e tornarem-se os melhores solucionadores que podem ser.

Conhecer os desafios que nós e nossos alunos podemos enfrentar no caminho da solução nos permite reconhecê-los e superá-los. É importante reconhecer os obstáculos pelo que

eles são: fenômenos psicológicos normais dignos de nossa atenção. Com o foco no aprendizado em conjunto, podemos enfrentar esses desafios para que não impeçam o nosso trabalho solucionário de avançar.

SENTINDO-SE SOBRECARRREGADO

Já é difícil praticar a bondade e a compaixão, a integridade e a honestidade, a generosidade e a disponibilidade, a perseverança e a coragem em nossas interações cotidianas com pessoas e em situações que conhecemos bem. Em um mundo globalizado, simplesmente não é possível ter consciência de todos os impactos que temos por meio de nossas escolhas diárias.

Por exemplo, observe o que você está vestindo agora. Você sabe como a produção de suas roupas afetou outras pessoas? Animais? O meio ambiente? Imagine tentar descobrir. Sua procura pode levar você ao redor do mundo, talvez mais de uma vez. Haveria muito para aprender e muitas perguntas para responder. De que é feito o tecido e como foi produzido? Como ele passou de onde foi produzido para onde foi transformado em roupas e quais recursos foram envolvidos? Quem transformou o tecido em roupa? Eles foram tratados com humanidade e justiça? Eles ganharam um salário mínimo? Quais eram as condições da fábrica onde trabalharam? A roupa foi branqueada e/ou tingida? Quais foram os impactos desses processos nas pessoas, outras espécies e no meio ambiente? Como a roupa chegou até você? Quem e o que foi afetado nesse processo?

Multiplique essas perguntas, e muitas outras, por todos os alimentos que você ingere, a energia que consome, os produtos que compra, o transporte que usa e pode ser opressor pensar em fazer escolhas justas, sustentáveis e gentis.

Enfrentando este desafio:

Embora certamente possa parecer opressor considerar os impactos de nossas escolhas diárias, aprender sobre os muitos sistemas que os compõem é fascinante. O processo investigativo é o processo de aprendizagem - inerentemente interessante, instigante, significativo e estimulante. Mergulhar na procura provavelmente será mais esclarecedor do que opressor uma vez que começamos. Já vimos isso acontecer repetidas vezes, tanto com professores quanto com jovens: quando alguém começa a pesquisar, a curiosidade e o desejo de aprender começam a crescer. Então, à medida que aprendemos, as oportunidades de fazer escolhas mais sustentáveis e humanas muitas vezes se revelam e fazer essas novas escolhas geralmente é ótimo.

ENFRENTANDO A NOSSA CUMPLICIDADE

À medida em que mergulhamos profundamente no aprendizado sobre os efeitos de nossas decisões diárias a fim de fazer escolhas mais saudáveis e humanas e entender os sistemas que precisam de mudança, logo descobriremos que não podemos nos livrar facilmente de todos os sistemas que causam danos, mesmo se quisermos.

Podemos diminuir, mas não acabar com a nossa dependência de combustíveis fósseis. Podemos diminuir, mas não evitar, nossa participação em sistemas insustentáveis de mineração, agricultura, produção, construção e outros. Podemos lutar pela justiça, mas nos encontramos nós mesmos como beneficiários de sistemas injustos.

Quando confrontadas com sua cumplicidade, algumas pessoas podem recuar ao invés de se envolverem em fazer escolhas diferentes e criarem mudanças.

Enfrentando este desafio:

É muito importante ser gentil com nós mesmos e encontrar um equilíbrio entre lutar pela perfeição (impossível) e não fazer nada (o que na verdade parece péssimo). O arbítrio pessoal leva à esperança e ao entusiasmo. Mais uma vez, mergulhar na ação solucionária e no ensino solucionário quase sempre atenua os sentimentos de cumplicidade, porque sabemos que estamos fazendo a diferença.

SENTINDO O DESESPERO

Aprender sobre os problemas do mundo pode levar alguns ao desespero. Diante disso, pode parecer contra intuitivo nos expor, pense somente nos jovens, a questões assustadoras e perturbadoras, mas a realidade é que não podemos nos esconder do bombardeio que recebemos da mídia. Até mesmo as crianças pequenas conhecem problemas graves e potencialmente catastróficos e crueldades terríveis, estejam ou não aprendendo sobre isso na escola.

Enfrentando este desafio:

A esperança é alimentada pela ação, conforme esses líderes, jovens e idosos, afirmam com tanta eloquência:

A ação é o antídoto para o desespero.

- Cantora/compositora Joan Baez

Esperança é um verbo com as mangas arregaçadas.

- Professor do Colégio e Conservatório Oberlin, David Orr

A melhor maneira de não perder a esperança é se levantar e fazer alguma coisa. Não espere que coisas boas aconteçam pra você. Se você sair e fazer algumas coisas boas acontecerem, você encherá o mundo de esperança, você se encherá de esperança.

- Presidente Barack Obama

Assim que começarmos a agir, a esperança estará em toda parte.

- Greta Thunberg, ativista adolescente do clima

O trabalho que você e seus alunos farão como solucionários é fortalecedor, inspirador e faz maravilhas para afastar o desespero.

DISSONÂNCIA COGNITIVA

Quando confrontadas com o desconforto que surge quando as crenças e valores de alguém entram em conflito com novas informações, as pessoas podem vivenciar o que é conhecido como "dissonância cognitiva" e podem tentar resolver o conflito interno para evitar inconsistência psicológica rejeitando a nova ideia ou informação.

Você mesmo pode ter experimentado isso lendo este guia. Se algumas das informações nesta seção aumentaram a conscientização sobre as maneiras pelas quais suas escolhas pessoais não estão alinhadas com seus valores (talvez em relação ao que você come ou veste), você pode ter tentado aliviar esse estresse por folhear seções ou rejeitar informação. De modo alternativo, você pode estar pensando em fazer mudanças pessoais. De qualquer forma, a maioria das pessoas tenta reduzir a dissonância que surge quando novas informações contradizem crenças ou comportamentos atuais anteriormente sustentados, rejeitando a ideia em vez de suportar o desconforto e examinar criticamente a crença antiga.

Em nossa experiência, os jovens costumam ser menos resistentes a novas informações que contradizem suas crenças, ideias e valores anteriormente sustentados, talvez porque esperem desenvolver novas opiniões e formar seus valores ao longo do tempo, pois sabem que são jovens. Com isso dito, eles (como nós, seus professores) provavelmente terão problemas com novas informações que lhes causam estresse psicológico e procurarão reduzir esse estresse de várias maneiras, incluindo resistir ou rejeitar novas informações.

Enfrentando este desafio:

Uma das razões pelas quais o pensamento crítico é tão importante no processo de solução é porque nossa dedicação a essa prática nos permite enfrentar a dissonância cognitiva com abertura. Se estivermos dispostos a investigar e aprender coisas novas, enfrentaremos regularmente a dissonância cognitiva e aprenderemos a controlá-la. Embora nem sempre gostemos de ter nossas crenças e ideias questionadas, ganhamos autoconfiança e auto-estima ao percebermos que temos as habilidades para determinar o que é verdadeiro ou falso. Também podemos nos sentir libertados ao percebermos que pensar criticamente nos permite crescer de maneiras estimulantes, únicas e importantes.

VIÉS DE CONFIRMAÇÃO

O viés de confirmação anda de mãos dadas com a dissonância cognitiva. O viés de confirmação se refere à tendência de buscar, lembrar e compreender novas informações de uma forma que confirma nossas crenças e valores pré-existentes. Se novas informações são ameaçadoras, tendemos a nos agarrar e lembrar daqueles aspectos que apoiam nossa visão de mundo, bem como interpretar qualquer informação ambígua de maneiras que se alinhem com nossas perspectivas atuais.

Em um clima político polarizado, e com a mídia seletiva nos alimentando com o que queremos ouvir, é necessário o compromisso de buscar informações que desafiem nosso

pensamento e perspectivas atuais. Se não estivermos dispostos a assumir esse compromisso, seremos pressionados a levar em consideração todos os pontos de vista das partes interessadas, e será mais difícil descobrir ou criar soluções solucionárias.

Enfrentando este desafio:

Sabemos que os professores enfrentam desafios ao trazer questões polarizadoras e/ou políticas para as salas de aula, mas há maneiras de trazer tópicos polêmicos importantes para as salas de aula que atendem bem aos alunos, ao mesmo tempo que os ajuda a resistir ao viés de confirmação. Uma mentalidade solucionária leva as pessoas a olhar para as questões e problemas de vários pontos de vista, o ***que significa que os solucionários buscam perspectivas diferentes das suas***. Na verdade, quanto mais se pratica o pensamento solucionário, mais se tende a investigar ativamente os diferentes pontos de vista. Isso torna possível examinar tópicos polêmicos e polarizadores nas salas de aula de maneira equilibrada, imparcial e saudável.

PENSAMENTO OU/OU

Algumas das tendências psicológicas descritas acima contribuem para o clima generalizado de pensamento ou/ou em nossa sociedade. Anteriormente, descrevemos o conflito que surgiu quando a Coruja-Pintada do Norte foi colocada na lista de espécies ameaçadas de extinção. A mídia e os políticos começaram a enquadrar a questão como uma escolha entre corujas e madeireiros. As pessoas então começaram a escolher os lados, até mesmo postando sua lealdade ao lado deles através de placas colocadas nos pátios das casas. Diálogo e esforços para descobrir como proteger corujas, florestas e empregos eram difíceis de encontrar. Até o próprio conceito de sustentabilidade é frequentemente apresentado como um ou/ou: ou protegemos o meio ambiente ou promovemos economias saudáveis, uma escolha terrível e desnecessária!

As escolas perpetuam rotineiramente o pensamento ou/ou por meio de debates acadêmicos. Essas práticas são onipresentes nos Estados Unidos, com os alunos geralmente sendo designados a tomar “um lado” e debater um problema que foi lançado em um ou outro termo. Eles são instruídos a pesquisar, discutir e tentar vencer. Embora certamente haja benefícios intelectuais no debate, o objetivo do debate **não** é resolver o problema, mas produzir o melhor argumento e apresentá-lo da maneira mais convincente.

Se esta é a principal maneira pela qual os jovens são ensinados a pensar sobre problemas complexos, e se é isso que é moldado em nossa mídia e por meio da política, torna-se desafiador forjar uma prática diferente que nos convida a abraçar o conceito de [“sim, e ...”](#) em que procuramos validar as perspectivas dos outros e acrescentá-las com um pensamento mais profundo e solucionário.

(Por favor, note que não estamos sugerindo um ou/ou aqui.) Nem todas as perspectivas são igualmente legítimas e há momentos para "escolher um lado", especialmente

quando o preconceito, a crueldade e a destruição são defendidos e a violência é perpetrada.)

Enfrentando este desafio:

Uma alternativa óbvia para o modelo de debate é um modelo solucionário, onde os alunos olham para todas as facetas de uma questão local ou global urgente, pesquisam causas, mapeiam sistemas, encontram pontos de alavancagem, propõem soluções solucionárias e implementam e compartilham suas ideias. Simplificando, o pensamento solucionário é um corretivo para o pensamento ou/ou, e este guia se destina a ajudar a enfrentar esse desafio!

O EFEITO ESPECTADOR

O efeito espectador refere-se ao fenômeno psicológico em que as pessoas estão menos propensas a ajudar alguém em necessidade quando outras pessoas estão presentes, o que fraciona a responsabilidade. Embora esse efeito tenha sido demonstrado em experimentos psicológicos onde uma vítima que precisava de ajuda se fazia presente, estamos aplicando-o em um contexto mais amplo.

O que acontece se acreditarmos que outras pessoas resolverão os problemas que enfrentamos e que não precisamos nos tornar solucionadores?

Esta é uma questão importante a ser colocada sobre o nosso próprio sistema educacional, bem como uma questão a ser refletida pessoalmente como um professor. Atualmente, o sistema educacional está desempenhando, em grande parte, um papel de espectador. Dados os problemas potencialmente catastróficos que nossos filhos enfrentarão nas próximas décadas, não estaremos abdicando de nossa responsabilidade de prepará-los para o futuro se deixarmos de integrar profundamente as práticas solucionárias em sua educação?

O título do livro de 2016 da presidente do IHE, Zoe Weil, sobre educação é ***The World Becomes What We Teach (O Mundo se Torna Aquilo que Ensinamos)***. Se este título é uma banalidade, como poderemos levá-lo a sério como educadores?

Enfrentando este desafio:

É provável que seus alunos queiram ser solucionadores, não espectadores. Em nossa experiência, os alunos ficam energizados quando têm a oportunidade de aprender sobre os problemas que mais os preocupam; recebem as ferramentas para investigação e investigação sólida; e são convidados a colaborar para resolver desafios de seu interesse. Ouvimos muitos jovens descreverem as unidades solucionárias como as experiências mais significativas que tiveram na escola. Sabendo disso, talvez a maneira mais poderosa que nós, educadores, possamos evitar que o efeito espectador se enraíze em nossas salas de aula seja abraçando o profundo papel que temos como professores de não sermos nós mesmos espectadores, e sim proativos para trazer questões importantes aos nossos alunos e estarmos profundamente envolvidos com eles para fazer a

diferença. Para que isso não soe pesado, também é de nossa experiência que os professores que trazem práticas solucionárias para seus alunos também são energizados!

Em 2018, o *Institute for Humane Education* sediou um *Solutionary Summit* na University of Southern Maine. Os alunos que se apresentaram no Summit vieram de escolas e contextos diferentes, com idades entre onze e dezoito anos e resolveram problemas diferentes. O que eles tinham em comum eram professores que trouxeram unidades solucionárias para suas salas de aula, integrando o pensamento solucionário de várias maneiras.

Perto do final do Summit, convidamos esses professores ao palco. Nosso plano era dizer algumas palavras de agradecimento, mas acabou sendo desnecessário. Uma explosão espontânea de vivas e aplausos irrompeu enquanto os alunos aplaudiam de pé seus amados professores. ***Esperamos que a leitura sobre este tema o lembre da poderosa influência que você tem como professor.***

Se um pouco mais de inspiração para enfrentar os desafios mencionados acima for útil, assista a este [vídeo](#) dos professores e alunos que participaram de nosso programa de solução no Maine e participaram do Solutionary Summit.